

## PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE SABERES LITERÁRIOS COM SURDOS: UM ARQUIVO PEDAGÓGICO

Livia Letícia Belmiro Buscácio<sup>1</sup>

Letícia de Jesus Torres Pinel<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo de apresentar as dificuldades encontradas nas salas de aula regular com aprendizes surdos, ressaltando como a literatura precisa de estar presente neste processo de relações entre línguas (Buscácio, 2023). Para tanto, a pesquisa tem como base teórica e metodológica a Análise de discurso materialista de Pechêux (2010), Orlandi (2005; 2023), Indursky (2019), regida também em autores dos estudos literários como Candido (2011) e Lajolo (1996). É necessário promover o reconhecimento da relevância da língua de sinais no processo de subjetivação da pessoa surda, colocando-o no lugar de leitor e escritor em uma língua majorizada, na qual ele também se inscreve, em um viver entre-línguas (Buscácio, 2023). Buscamos analisar como dizeres literários possibilitam a circulação de efeitos de sentidos filiados a relações de poder, inclusive na comunidade surda, examinando de que modos os textos literários podem refletir e influenciar processos de passionalidade da criança surda.

**Palavras-chave:** Língua de sinais; Literatura; Análise de discurso.

## DISCURSIVE PRACTICES ON LITERARY KNOWLEDGE WITH DEAF PEOPLE: A PEDAGOGICAL ARCHIVE

**ABSTRACT:** This article aims to present the difficulties encountered in regular classrooms with deaf learners, emphasizing how literature needs and should be present in this process of relationships between languages (Buscácio, 2023). To this end, the research is based on the theoretical and methodological analysis of materialist discourse by Pechêux (2010), Orlandi (2005; 2023), Indursky (2019), also guided by authors of literary studies such as Candido (2011) and Lajolo (1996). We seek to analyze how literary sayings can construct effects of meanings affiliated with power relations, including in the deaf community, examining how literary texts produced in Portuguese can reflect and influence the process of passionality of deaf children.

**Keywords:** Sign language; Literature; Discourse analysis.

<sup>1</sup> Professora Titular do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Pós-doutorado em Letras - Linguística (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4773-8825>. E-mail: [liviabuscacio@ines.gov.br](mailto:liviabuscacio@ines.gov.br)

<sup>2</sup> Professora Inspetora Escolar do Município de Cabo Frio - RJ e Docente I no Município de Saquarema - RJ, Doutoranda em Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN - UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6989-9489>. E-mail: [leticia.torres@prof.semecabofrio.rj.gov.br](mailto:leticia.torres@prof.semecabofrio.rj.gov.br)

## Introdução

Experienciar uma contação de histórias, manusear livros infantis, ler palavras, ilustrações, sinais e significar a si mesmo e ao mundo – este é um direito que deveria ser assegurado a todas as crianças e que nos propomos a contribuir para que seja realizado. Com base na Análise de discurso materialista (Pêcheux, Orlandi), nos debruçamos sobre práticas literárias com crianças surdas em salas de aula regulares, ressaltando a importância da literatura como um experienciar para os discentes desenvolvendo o convívio social e, no caso, uma vivência literária entre-línguas, conforme Buscácio (2023), entre a Libras, a Língua portuguesa, além dos desenhos e ilustrações que formam a materialidade de uma obra literária. A pesquisa conversa também com autores dos estudos literários e da alfabetização que contribuem para o embasamento teórico e prático de nossa proposta.

Cândido (2011) nos ensina sobre o direito à literatura abordando a temática na ordem dos direitos humanos. Com isso, o autor destaca o papel do leitor e a importância da literatura como parte desses direitos. A literatura não deve ser cerceada pelas autoridades, pelo contrário, deve ser disponibilizada e distribuída como um direito acessível para todos.

Isso nos leva ao mote deste artigo, que busca abordar a participação de crianças surdas em sala de aula regular e a literatura numa perspectiva materialista, focando no ensino e aprendizagem de crianças surdas em processo de constituição da língua. Nossos objetivos são: analisar práticas com crianças surdas na sala de aula regular; investigar como práticas desenvolvidas com a literatura podem construir uma jornada educacional e subjetiva de aprendizes surdos e ouvintes; contribuir na formação de um ambiente escolar mais significativo para as crianças surdas em laço com as crianças ouvintes, através de um caderno pedagógico.

Buscando atingir esses objetivos, a escrita deste trabalho está organizada da seguinte forma: iniciamos com uma proposta de práticas literárias com aprendizes surdos. Em seguida, ressaltamos as práticas literárias presentes e sonhadas e, por fim, vamos abordar a formulação de um caderno pedagógico de práticas literárias com crianças surdas. O presente artigo é oriundo da dissertação de mestrado intitulada *Literatura e experiência leitora de crianças surdas: a prática pedagógica entre línguas e livros* (2025), desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Sendo assim, este artigo aborda uma proposta de um caminhar através de práticas e propostas para incentivar a prática literária com aprendizes surdos, com ações que podem ser

realizadas e que também são sonhadas por educadores e estudiosos, apresentando caminhos através da experiência literária da criança surda entre línguas.

### **Uma proposta de prática literárias com aprendizes surdos**

A prática pedagógica com aprendizes surdos ainda está cercada de mitos e preconceitos, sendo fundamental incentivar formações dos docentes para que possam compreender os diferenciais e estratégias pedagógicas na educação com aprendizes surdos, pois:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, os cosmos, as situações de “estar no mundo” ou nas relações sociais. (ROCHA, 2006, p. 7).

Tais mitos precisam ser revelados e desfeitos para que a educação de surdos possa avançar e o aprendiz tenha oportunidades ilimitadas dentro do espaço escolar, constituindo-se como um ser integrante e participativo deste ambiente.

Se o responsável por um aprendiz surdo chegar à escola regular para matriculá-lo, ele possivelmente conseguirá efetivar a matrícula, pois atualmente temos a inclusão, mas essa dita inclusão também precisa deixar de ser uma realidade apenas nas legislações e as escolas e os profissionais da educação precisam estar capacitados para concretizá-la, e, sobretudo, é importante que a escola receba estrutura física e profissional para acolher toda a comunidade escolar em um projeto inclusivo. Infelizmente, ainda está distante de ser um cenário real na maioria das escolas.

O Atendimento Educacional Especializado foi criado como um apoiador nesse processo de inclusão, porém, muita das vezes, o papel solitário desses profissionais, a falta de recursos e muitas vezes a falta de oferta próxima à escola ou à residência da criança, dificultam a participação e o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que seja significativo.

A literatura surge nesse cenário como um despertar desse aprendiz para um mundo ainda inexplorado, envolvendo-o em um universo que está presente em sua vida, mas que em muitos momentos lhe é segregado por crenças limitantes de mediadores que os cercam.

nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2011, p. 177/178).

Trazer o aprendiz surdo para uma realidade literária bilíngue não é uma tarefa fácil, pois, o sujeito surdo, imerso no viver entre línguas, precisa de motivação e um despertar além de mera decodificação da escrita e da leitura. Dessa forma, os ambientes escolares bilíngues podem construir um diferencial na trajetória educacional da criança surda. E, aliado a isso, é imprescindível uma escola que ofereça sala de leitura e biblioteca de portas abertas para que estudantes e docentes, ou melhor, toda a comunidade escolar, possa ter assegurado o direito do exercício do lugar de leitor.

Ao se perceber no lugar de leitor, o aprendiz passa a experimentar obras literárias e a construir o seu papel diante dessa perspectiva. Dessa forma, a Análise de discurso e a literatura se conectam na construção e desconstrução de gestos de leitura, onde a literatura contribui para um entendimento mais profundo da complexidade da experiência humana. Diante dessa perspectiva discursiva, Fernandes e Sá afirmam que o campo teórico:

destina-se a evidenciar os sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção. As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem. (FERNANDES E SÁ, 2021, p. 23)

Pensando nesses efeitos de sentidos do discurso, iniciamos uma reflexão sobre o incentivo à autoria do aprendiz e à construção de arquivos pedagógicos (INDURSKY, 2019), isto é, a reunião de diversas materialidades a partir de um trajeto temático (Guilhaumou; Maldidier, 1994, p.165), conjunto compartilhado por docentes e estudantes, em um gesto de autoria na escola. A realização de arquivos pedagógicos literários na educação infantil serve de base para um resultado diferenciado, onde temos a oportunidade de uma assunção dos lugares de leitor e de autor por docentes e crianças surdas.

## As práticas literárias presentes e sonhadas

As atuais práticas pedagógicas literárias enfrentam sérios desafios que surgem da realidade de possibilitar ou não ao aprendiz surdo imergir na literatura em Língua portuguesa. No *Caderno I - Educação Infantil, da Proposta Curricular para o Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior*<sup>3</sup>, temos como proposta de competência geral: “Apreciar diferentes suportes textuais (jornais, revistas, outdoors, embalagens, livros paradidáticos, livros literários, cartazes, tablets e placas” (MEC, 2021, p. 16).

O referido caderno sugere a prática com diversos textos em Língua portuguesa, entre eles os textos literários. Muitas vezes, a crença de que seria recomendável expor esses aprendizes apenas a histórias em Libras ou outras obras destinadas ao entendimento e consumo desse público contribui para limitar ainda mais as potencialidades dos aprendizes e não oferece à sua totalidade uma possibilidade de formação literária. Quando crianças surdas têm o seu acesso à Língua portuguesa limitado, elas acabam sendo privadas também de acesso às suas culturas, situações sociais, modos de expressão e componentes importantes, que poderiam fazer um papel crucial em termos de ampliação cultural. Atitudes como essa restringem o sujeito de lidar com o mundo culturalmente diversificado, sendo as literaturas fontes de conhecimento vibrantes que podem informá-los, desafá-los e incentivar a exploração. Em um nível mais amplo, sonhar com práticas literárias igualitárias é falar sobre um sistema de educação mais disponível e libertador, onde a prática literária é um componente do cenário escolar para todos sem limitar as condições. É, além disso, sonhar com objetos e ideais de espaços para a expressão de aprendizes. Lebedeff afirma que:

Diversos autores salientam, a partir da experiência visual da surdez, a necessidade de que os processos educativos que envolvem alunos surdos implementem estratégias ou atividades visuais e, principalmente, que possibilitem aos surdos, eventos de letramento visual. Entretanto, pouco se tem dito sobre quais seriam essas práticas pedagógicas ou que eventos de letramento visual. (LEBEDEFF, 2010, p.180)

Uma sugestão de prática inovadora, provocando experiências diversificadas, poderia ser uma roda de leitura inclusiva. Nela, histórias autorais em Língua portuguesa poderiam ser contadas por meio de recursos visuais e gestuais, integrando a Libras neste processo,

---

<sup>3</sup>Este documento pode ser encontrado no site: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgglefindmkaj/https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao\\_informacao/pdf-arq/0CADERNODEINTRODUOISBN296.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgglefindmkaj/https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao_informacao/pdf-arq/0CADERNODEINTRODUOISBN296.pdf)

constituindo a sala de aula como um espaço enunciativo entre-línguas. Como resultado, a prática não só contempla aprendizes surdos, como também os traz para dentro da história, fazendo com que eles se sintam parte da experiência literária em questão. Uma outra ideia seria um clube do livro, em que aprendizes surdos e ouvintes pudessem se reunir e discutir livros em Língua portuguesa e em Libras. A cada leitura, os aprendizes poderiam escolher em uma lista de livros sobre diferentes temas e debater com os mediadores as opiniões e reflexões de cada um. Dessa maneira, a prática promoveria não só a inclusão, como também o debate crítico. Práticas diversificadas em sala de aula podem despertar o interesse dos aprendizes pela literatura, promovendo um ambiente que valorize essa cultura e contribua para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo onde cada aprendiz tem a oportunidade de explorar e se expressar da maneira que se sentir mais confortável. Explorar a brincadeira na literatura é uma alternativa potente para cativar crianças surdas e ouvintes nas escolas. A brincadeira, quando integrada a qualquer ato de aprendizagem, neste caso, literatura, não só a torna mais atraente, mas também auxilia na compreensão de ideias e histórias que são imaginadas e criadas pela imaginação e engenhosidade.

Portanto, a materialidade visual precisa ser compartilhada de uma perspectiva inclusiva e enriquecedora. Refletindo sobre essa perspectiva Pimentel e Limite afirmam que:

Essa visualidade pretendida na educação de surdos, que implica no uso da língua de sinais (gesto-visual), nos convida a analisar e produzir materiais didáticos. Esse convite amplia nosso olhar para alguns materiais já tradicionais da Educação Infantil, como livros, bonecas e brinquedos, passa por objetos bilíngues que abrigam a Língua portuguesa escrita, fotografias com registros de sinais (relacionados ao letramento/alfabetização) e não deixa de fora as possibilidades contemporâneas relacionadas às mídias móveis (celulares, tablets) e suas possibilidades de registros em vídeos. (PIMENTEL; LIMITE, 2021, p. 653)

Uma maneira interessante de aprofundar o contato com os livros é através do teatro, com as crianças encenando as histórias. Elas podem usar bonecos, fantasias e criar cenários que incentivem a criatividade visual e corporal. Além de ajudar a melhorar a comunicação e a organização de sequências lógicas, essa experiência permite que os pequenos criem uma ligação afetiva com os personagens e a história, tornando a leitura algo real e vivido.

O professor, ao escolher obras literárias, precisa observar diversos aspectos, como as ilustrações, a importância do tema abordado, o público que ele pretende atingir, além de refletir sobre como trabalhar com aquela obra, se vai explorá-la por meio de atividades artísticas, brincadeiras, jogos, entre outros. Por exemplo, depois de ler uma história, as crianças podem se

envolver na criação de ilustrações, colagens ou até mesmo vídeos curtos que reinterpretem a narrativa, pois isso não apenas reforça a compreensão do texto, mas também permite que elas apresentem suas interpretações de forma criativa. Ao pesquisar sobre metodologias ativas na educação de surdos, as autoras Muniz e Moraes destacam que:

Como a aprendizagem não se realiza somente em sala de aula, mas em variados espaços do cotidiano, o ambiente escolar, por intermédio das tecnologias digitais, pode trazer simulações em atividades desafiadoras, com projetos em grupo sob a supervisão de professores que mediam, acompanham e analisam os processos. (MUNIZ; MORAIS, 2024, p.141)

Nesse sentido, este artigo traz a criação de um caderno pedagógico que possa oportunizar ao aprendiz experiência leitora e de autoria do dizer. O caderno é composto em Língua portuguesa, em Libras e linguagens visuais, com diversas atividades de leitura e jogos digitais em cada sequência didática, além de ideias para os professores despertarem o interesse das crianças com atividades lúdicas que tem o objetivo de trazer um diferencial que foge do ensino tradicional apresentado em alguns espaços escolares, propondo práticas inovadoras e diferenciais.

Voltamos novamente a inquietação deste trabalho sobre a experiencição da literatura com surdos e a busca por atividades inovadoras para buscar transformar essas práticas nas escolas regulares, sendo assim se faz necessário a reflexão sobre como podemos criar materiais pedagógicos para conquistar essa alfabetização em Língua portuguesa no encontro com a Libras.

A pessoa surda se inscreve na tensão entre as duas línguas, com isso são perceptíveis as diferenças nos textos que são produzidos deste lugar, o que pode ser compreendido como um viver entre-línguas, conforme Molloy:

O bilinguismo implícito daquele que domina mais de uma língua – por hábito, por comodidade, como desafio, com fins estéticos, seja simultânea ou sucessivamente – torna evidente esta alteridade da linguagem. Esta é a fortuna do bilíngue, e é também sua desgraça, seu undoing: sua des-feitura. Lembro o que diz Nabokov de sua passagem ao inglês: ao traduzir Desespero, descobre que pode usar o inglês como a wishful standby do russo. A troca de um idioma por outro não está isente de melancolia: “Ainda sinto uma pontada de dor dessa substituição”. (MOLLOY, 2018, p. 52)

Para compreendermos a Libras e sua importância, primeiramente precisamos entender que ela não é a Língua portuguesa representada por sinais, e sim, uma língua independente com



uma gramática e processos discursivos próprios. Dessa forma, a pessoa surda vive sempre uma relação entre a Libras, que é geralmente a língua que os surdos se identificam, e a Língua portuguesa, que é a língua majoritária do nosso país, na qual os surdos também se inscrevem, em tensão.

Todo aprendiz precisa de motivação para construir o seu papel no mundo e suas próprias narrativas, com a pessoa surda não é diferente, sendo assim, ele precisa ser motivado a ler materiais em Língua portuguesa, além de ser muito importante ele criar conexões com a literatura para incentivar o seu processo de formação autoral. Pois, “[...] para inscrever-se na prática da escrita, o sujeito deve ter passado pela prática da leitura e ter construído sua história de leituras.” (INDURSKY, 2019, p. 255). Assim a leitura serve como base, motivação e incentivo para que as pessoas desenvolvam habilidades de escrita com autonomia.

Lajolo ressalta que:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (LAJOLO, 1996, p. 28)

Conforme a autora, percebemos que a leitura é um ato que transpassa a simples decodificação das palavras, destacando a dimensão política da leitura e enfatizando o papel fundamental de professores, alfabetizadores e bibliotecários na transformação social e na formação de leitores ativos. É fundamental considerarmos que a literatura é indispensável para a formação de todo o ser humano, seja uma pessoa ouvinte ou surda.

Sendo assim, precisamos valorizar a literatura na formação pessoal e social de pessoas surdas, pois ela abre portas para o aprendizado, conhecimento linguístico, mas principalmente enriquece a vida e o ambiente ao redor do leitor. Aliado a isso, Candido (2011) nos ensina que o direito à literatura e às artes deve ser considerado um direito inalienável. A leitura tem um papel de expandir a imaginação despertando a curiosidade e motiva a criatividade, criando conexões entre o imaginário e a realidade que nos cerca. A literatura sendo acessível e inclusiva pode oferecer para pessoa surda uma oportunidade de expressão e entendimento em sua própria língua.



A Análise de discurso não compreende o ensino da literatura através de obras isoladas, ela permite que seja feita uma investigação mais profunda das discursividades em suas tensões ideológicas que se fazem presentes nesses textos, além de ressaltar vozes que são representadas ou silenciadas nas relações de poder que estão em jogo. É preciso, portanto, observar os efeitos do silêncio na leitura. Para Orlandi, o silêncio pode trazer significados que vão além de qualquer língua ou linguagem, afirmando que: “[...] o silêncio, enquanto espaço diferencial que permite à linguagem significar, é uma das instâncias em que se produz movimento.” (ORLANDI, 2005, p.38). O silêncio é, portanto, constitutivo da linguagem e, por conseguinte, da possibilidade de gestos de leitura e autoria.

A desconstrução de narrativas hegemônicas é um dos papéis da Análise de Discurso quando pensamos também no ensino de literatura. Orlandi destaca que discursos não são neutros, sendo em sua realidade construídos dentro de contextos sociopolíticos específicos, tendo em vista que produzem sentido e “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2005, p.20). Dessa forma, quando os aprendizes analisam obras literárias, acabam sendo motivados a indagar as representações de gênero, classe, raça e outras categorias sociais, e também passam a considerar como as representações podem refletir e perpetuar ideologias que são dominantes.

Por isso, a Análise de Discurso também pode alicerçar para práticas críticas e reflexivas em sala de aula, assim, os aprendizes são motivados a serem agentes ativos e questionadores, que problematizam e reconstroem significados. Neste sentido, o campo teórico e metodológico fundamenta possibilidades de gestos de leitura sobre o discurso literário inscrito em nossa formação social. Assim, Orlandi ressalta que:

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica. Eles estão realizando ao mesmo tempo um processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. (ORLANDI, 2005, p.21).

Portanto, a Análise de Discurso oferece uma percepção fundamental para o ensino de literatura, ajudando os estudantes a se transformarem em leitores críticos e motivados. Refletindo diante disso, temos as colocações de Medeiros, afirmando que: “Não se considera,

então, um saber como verdade ou como imanente, mas como evidência (ideologia); e não se pretende um percurso cronológico de saberes.” (MEDEIROS, 2019, p.88). Sendo assim, essa abordagem prepara para uma participação mais consciente e ativa na sociedade, além de ampliar os horizontes interpretativos de estudantes e docentes.

### **Um caderno pedagógico de práticas literárias com crianças surdas**

Como fruto de nossa pesquisa de mestrado, foi formulado um produto<sup>4</sup> com o objetivo de trazer saberes diversificados e significativos para a educação de surdos nos anos iniciais de escolarização, onde começam os primeiros passos no processo de alfabetização desses aprendizes. Buscamos fazer uma relação entre línguas da Libras com a Língua portuguesa, trazendo um significado para esse grupo com literaturas que abordam temáticas de hábitos saudáveis, respeito, diversidade, família e afeto. Essas literaturas formam um arquivo pedagógico (INDURSKY, 2019), que foi coletado com todo o cuidado e atenção, para despertar nas crianças muito além de um hábito da leitura, uma assunção do lugar de leitor. Além disso, em cada unidade didática é oportunizado um link do YouTube de um vídeo em Libras, com a história escolhida, contando com jogos digitais de própria autoria e QR Code para acesso aos comandos das atividades em LIBRAS, além de uma conversa com sugestões para docentes.

A obra literária inicial escolhida foi *A Cesta de Dona Maricota* (2012) da autora Tatiana Belinky, e conta com ilustrações de Martinez. Nessa narrativa, entre-línguas e linguagens, conhecemos uma encantadora senhora chamada Dona Maricota, que volta da feira carregando uma enorme sacola repleta de alimentos saudáveis e frescos, como frutas, legumes e verduras. Ela organiza tudo em sua geladeira e na dispensa e vai descansar, mas, surpreendentemente, esses alimentos começam a se exibir e comentar sobre suas próprias qualidades, destacando suas cores, tamanhos, benefícios para saúde, vitaminas e outras características. Eventualmente, a Dona Maricota reaparece e as frutas se transformam em compotas, enquanto os legumes e verduras viram um belo sopão, finalizando a história.

Essa rica obra literária nos permite despertar nas crianças hábitos alimentares saudáveis que devem ser estimulados desde muito cedo, as ilustrações são divertidas e a personificação dos alimentos desperta a curiosidade da criança leitora para aprender sobre a importância de cada um deles. Dessa forma, criamos uma sequência didática que aborda não somente

---

<sup>4</sup> Este produto pode ser encontrado no site do Mestrado Profissional em Educação Bilíngue <https://mestrado.ines.gov.br/tccs-e-produtos/produtos#h.i8be3h8vbw0t>, acesso em 25 de julho de 2025.

atividades de registro voltadas para alimentação saudável, como um jogo interativo digital bilíngue com alguns desses alimentos, além de algumas propostas de atividades interativas que podem ser realizadas nas salas de aula agregando ainda mais a temática abordada na literatura escolhida.

A segunda obra literária que compõe o arquivo no material educativo é *O cabelo de Lelê* (2012), escrito por Valéria Belém e com ilustrações de Adriana Mendonça. Esta bela publicação narra a trajetória de Lelê, uma garotinha que sente a urgência de descobrir a história por trás de seus cachos. Após examinar os livros em sua casa, ela encontra informações sobre sua ascendência africana, especialmente referentes ao seu cabelo enrolado. Lelê aprende que há diversos tipos de cabelos: “puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos.” (Belém, 2012, p. 14). Ela começa a apreciar o que observa e a valorizar a herança familiar refletida na memória de seus cachinhos.

Esse livro acaba por exercer um papel fundamental na vida de muitas meninas negras, pois de uma forma simples e divertida a autora aborda a beleza natural da personagem explicando a importância de se conhecer nossas origens e valorizar a nossa cultura. Além disso, as ilustrações são belíssimas e se interligam de uma página a outra, com uma escolha de cores vibrantes que reportam e valorizam a cultura africana.

A sequência didática desta obra conta com atividades interativas e também reflexivas, que levarão a criança a pensar sobre si e sobre o outro, além de valorizar a sua cultura e origens. Com proposta de brincadeiras e dinâmicas que podem ser trabalhadas em sala de aula e que valorizem a cultura africana e a criação de um jogo virtual da memória, com os vários tipos de cabelo destacados na história.

A terceira obra selecionada foi *Bom dia, todas as cores!* (2013), escrita por Ruth Rocha e ilustrada por Madalena Elek. A narrativa se inicia em uma bela manhã de primavera e relata as aventuras de um camaleão muito amigável, que mudava de ideia frequentemente ao encontrar outros bichos. Cada vez que mudava de opinião, sua cor também se alterava, pois o pequeno camaleão se esforçava para agradar todos ao seu redor. Em determinado momento, ele percebe que não conseguirá satisfazer a todos, já que cada um tem suas próprias características, preferências e desejos. Por fim, ele faz uma escolha e decide a cor que mais aprecia e com a qual se identifica verdadeiramente. Através dessa história, podemos mostrar para as crianças a importância de valorizar a opinião dos outros, respeitando, mas sem desvalorizar a nossa.

Nesta sequência, abordamos atividades que ressaltem a importância da valorização do eu e do outro, o respeito e relações de convívio, trazendo brincadeiras interativas que abordam

relações de escolhas e opiniões e a proposta de jogo digital bilíngue é voltada para o conhecimento das diversas cores utilizadas pelo Camaleão da história.

A quarta obra selecionada para complementar este material é *A colcha de retalhos* (2010), escrita por Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro, com ilustrações de Ellen Pestili. A narrativa gira em torno de Felipe, um neto que adora passar tempo com sua avó, pois ela não só faz doces e bolos deliciosos, mas também compartilha com ele histórias do antigo que o fazem rir. Juntos, eles iniciam o trabalho de criar uma colcha de retalhos utilizando pedaços de roupas de diversos membros da família; cada pedaço representa uma história que a avó tem para narrar, unindo não apenas tecidos, mas também recordações. Por meio dessa vivência com sua avó, Felipe começa a entender o que é a saudade. Trata-se de um texto repleto de trocas e sentimentos, as ilustrações remetem a momentos do presente e passado da história, o que faz com que o leitor viaje entre os contos da vovó e crie relação entre os retalhos e suas histórias.

No material, temos a apresentação de propostas de dinâmicas que possam ser realizadas no ambiente escolar, mas que também possibilite a colaboração das famílias, fazendo com que as crianças tragam essas relações de afeto para a sala de aula e sejam autores das histórias de seus próprios retalhos. Além disso, a proposta de jogo virtual interativo é voltada para a relação dos retalhos com os personagens da história, para que a criança possa relembrar o texto de uma forma lúdica e divertida.

A última obra que compõe o arquivo pedagógico se intitula *Douglas Quer um Abraço* (2013), de David Melling, que também assina as ilustrações; a versão em Língua portuguesa é de Lenice Bueno. O livro conta a história de um pequeno urso que, ao abrir os olhos numa bela manhã de primavera, sente um enorme desejo de afeto e sai pela floresta à procura de um abraço. No entanto, apesar de sua busca, ele acha difícil realizar esse anseio, até que encontra um coelho esperto que o leva a uma gruta onde alguém está acordando. De repente, o ursinho tem uma sensação curiosa em relação a essa pessoa e corre para abraçá-la; era sua mãe, e ele percebe que os melhores abraços vêm daqueles que amamos. A obra conta com ilustrações bem ricas e que atraem a atenção da criança leitora, além disso, a busca intrigante de Douglas pelo abraço especial instiga as crianças e diverte ao mesmo tempo. É uma obra literária que comove e ressalta a importância das nossas relações de afeto com quem amamos.

Nesta última sequência a proposta consiste, além das atividades escritas dirigidas, a apresentação de dinâmicas do abraço e brincadeiras que refletem relações afetivas, criando interação entre as crianças e também com os professores. A proposta de jogo interativo será a

relação entre as imagens dos tipos de abraços apresentados no fim da história e os nomes dados a eles.

Dessa forma, o produto final apresentado com a pesquisa busca explorar uma proposta formação de arquivo pedagógico com literaturas diversificadas e que possam proporcionar aulas criativas e interativas em todo o ambiente escolar, trazendo relações entre os aprendizes e em alguns momentos buscando a colaboração da família, para que compreendam a importância dessa parceria para a subjetividade de toda criança.

### **Considerações finais**

Diante de um experienciar literário na escola, podem estar presentes crianças surdas e ouvintes, através de um viver entre-línguas e da importância do papel da literatura como um modo de produzir efeitos de sentido sobre o mundo, em práticas pedagógicas balizadas pela Análise de Discurso Materialista.

Inicialmente, trouxemos um levantamento de um caminhar sobre uma prática literária com aprendizes surdos e ouvintes, mobilizando saberes que implicam no cotidiano de quem está na sala de aula regular e precisa compreender e lidar com a inclusão de aprendizes.

A Análise de Discurso materialista fundamenta este trabalho, incentivando práticas literárias que despertem os aprendizes surdos a reflexões críticas, buscando enriquecer suas vidas e todo o ambiente ao seu redor. Transformar práticas educativas faz parte do nosso papel como educadores, pois estamos em um mundo de constantes transformações.

Podem existir situações pedagógicas as quais os professores não saberão como lidar, e não podem ser vistos como detentores de toda a responsabilidade educacional do aprendiz surdo. Haverá momentos em que o docente, seja por falta de conhecimento sobre a temática ou até mesmo falta de amparo de equipes internas e externas à escola, e a própria carência de recursos estruturais para a sua atividade, não conseguirá realizar o seu trabalho como desejaria e esperam dele. Dessa forma, questionar alternativas e métodos que poderiam gerar resultados significativos para as crianças e para o desenvolvimento do trabalho dos docentes com aprendizes surdos, faz parte das nossas inquietações. Portanto, escrevemos para pessoas que se encontram como nós, sempre em busca de aprender e inovar suas práticas pedagógicas em sala de aula. O caderno pedagógico apresentado se configura como um material que pode amparar docentes e aprendizes através da literatura nesta caminhada.

## Referências

BELÉM, V. *O cabelo de Lelê / Valéria Belém; ilustrações de Adriana Mendonça*. São Paulo: IBEP, 2012.

BELINKY, T. *A cesta de Dona Maricota/Tatiana Belinky; ilustração Martinez*. (Coleção sabor amizade. Série com-fabulado). 14.ed. - São Paulo: Paulinas, 2012.

BUSCÁCIO, L. L. B.; VIGNOLI, M. L. . Era uma vez ... uma experiência de leituras e escrituras com aprendizes surdos. In: SILVA, Aline Gomes; SILVA, Flávio Eduardo Pinto. (Org.). *Práticas e experiências bilíngues no cotidiano da educação de surdos*. 1ed. Rio de Janeiro: INES, 2023, p. 158-183.

BUSCÁCIO, L. L. B. Gestos de leitura e saberes literários entre-línguas com aprendizes surdos: transitando entre o INES e a Biblioteca Parque. In: Joyce Palha Colaça; Michel Marques de Faria; Thaís de Araujo da Costa. (Org.). *Educação linguística e(m) (dis)curso: arquivos de saberes linguísticos e pedagógicos*. 1 ed. São Carlos: Pedro & João, 2023, p. 137-154.

CANDIDO, A. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

FERNANDES, C. A.; SÁ, I. de. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Campinas: Pontes Editores, 2021.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, E. P. (Org). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: ed. da UNICAMP, 1994.

INDURSKY, F. Leitura, Escrita e Ensino à luz da Análise do Discurso. In: Lucas do Nascimento. (Org.). *Análise do discurso: da teoria ao ensino de Língua portuguesa*. 1ºed. Saabrücken: Novas Edições Acadêmicas (NEA), 2019 v. p. 247-269.

LAJOLO, M. *A formação do leitor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos De Educação*, FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [36]: 175-195, maio/agosto 2010.

MEC – Ministério da Educação. Proposta Curricular para o Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acesso\\_informacao/pdf-arq/0CADERNODEINTRODUOISBN296.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acesso_informacao/pdf-arq/0CADERNODEINTRODUOISBN296.pdf) ). Acesso em: 15 jun. 2025.

MEDEIROS, Vanise. Saberes sobre língua e sujeito: O Glossário Pelo Literato. In: Scherer, A.; Sousa, L.; Medeiros, V.; Petri, V. (Organizadoras). *Efeitos da língua em discurso*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 263p.

MELLING, D. *Douglas quer um abraço / David Melling; tradução de Lenice Bueno*. São Paulo: Moderna, 2013.

MOLLOY, Sylvia. *Viver entre línguas*. Traduzido por Julia Tomasini, Mariana Sanchez. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2018.

MUNIZ, V. C.; MORAIS, F. B. C. de. Letramentos Críticos e o Uso de Metodologias Ativas Na Educação Bilíngue. *E-escrita- Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.15, Número Especial, 2024.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 5ª Ed. Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. 7ª Ed. Pontes, 2023.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Tradução de Eni P. de Orlandi *et al.* 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010 [1975].

PIMENTEL, C.; LIMITE, K. S. M. A empatia na produção de materiais didáticos: reflexões sobre artefatos bilíngues. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 650–669, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/55349>. Acesso em: 22 set. 2024.

PINEL, L. T. *Literatura e experiência leitora de crianças surdas: a prática pedagógica entre línguas e livros*. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://mestrado.ines.gov.br/tccs-e-produtos/produtos#h.i8be3h8v1w0t>. Acesso em: 25 jul. 2025.

ROCHA, E. *O que é mito?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROCHA, R. *Bom dia, todas as cores!* / Ruth Rocha, ilustrações de Madalena Elek. 18. ed. - São Paulo: Salamandra, 2013.

SILVA, C. C., RIBEIRO, N. *A colcha de retalhos* / Conceil Corrêa da Silva, Nye Ribeiro; ilustrações Ellen Pestili. 2. ed. (Coleção viagens do coração). São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

Recebido em: 19/06/2025.

Aceito em: 27/09/2025.